



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

CALEBE LARIDONDU VIANA

**“POIS TODOS SÃO UM EM CRISTO JESUS”:**  
UM ESTUDO DOS PAPÉIS DAS MULHERES NAS CARTAS  
PAULINAS SOB A PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT

---

Londrina  
2018

CALEBE LARIDONDU VIANA

**“POIS TODOS SÃO UM EM CRISTO JESUS”:**  
UM ESTUDO DOS PAPÉIS DAS MULHERES NAS CARTAS  
PAULINAS SOB A PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de História da  
Universidade Estadual de Londrina, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo dos Santos  
Oliva

Londrina  
2018

CALEBE LARIDONDU VIANA

**“POIS TODOS SÃO UM EM CRISTO JESUS”:**  
UM ESTUDO DOS PAPÉIS DAS MULHERES NAS CARTAS  
PAULINAS SOB A PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de História da  
Universidade Estadual de Londrina, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciado em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dra. Mônica Selvatici  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dra. Edméia Aparecida Ribeiro  
Universidade Estadual de Londrina -  
UEL

Londrina, 01 de fevereiro de 2018.

Esse trabalho é dedicado a todos aqueles que me ajudaram a pensar para além dos dogmas religiosos e normas sociais.

## AGRADECIMENTO

Meu primeiro agradecimento vai para minha família, que sempre me apoiou na minha escolha por cursar história e nunca colocou barreiras para eu viver meus sonhos. Tenho muito a agradecer minha mãe por todo empenho em me oferecer o melhor estudo possível e por todas conversas polêmicas que tivemos ao longo da minha formação. Agradeço aos meus avós e avôs pelo amor demonstrado em orações e ajuda financeira para minha permanencia em Londrina.

No universo acadêmico, cheio de egos inflamados, encontrei professores e colegas que se importaram comigo e minha formação, pessoas humildes dispostas em compartilhar o conhecimento e a vida. Aos meus amigos de turma que ouviram inúmeras comunicações sobre Foucault e *parrhesia*, discussões sobre o que é o real. Entre esses amigos, cito Victor Traldi e Thiago Souza, com quem fiz muitos trabalhos e compartilhei pensamentos da vida.

Entre essas pessoas queridas, tenho que ressaltar a pessoa do meu orientador, Alfredo dos Santos Oliva, que esteve comigo desde o primeiro ano da graduação e me orientou nas primeiras pesquisas. Agradeço as muitas reuniões e conversas, que foram impressindíveis para despertar meu interesse pelas pesquisas sobre cristianismo primitivo, que hoje resultam nesse trabalho. Tenho o prazer de ter esse professor como orientador e amigo, alguém que se preocupou com a minha formação para além do saber acadêmico e ofereceu seu tempo para conversarmos sobre a vida.

Em Londrina, lugar de novidades, fui abraçado por pessoas que hoje considero minha família. Esse grupo de amigos me ofereceu afeto e uma mesa com café, onde aprendi sobre a vida e sobre mim. Nas minhas crises, meus amigos foram irmãos. Eles acompanharam de perto minha transformação e foram apoio para eu permanecer firme nas minhas convicções e com eles aprendi sobre o Eterno. Entre meus amigos mais chegados menciono, Dhiogo Castanho e Gabriela Castro, que se preocuparam com meu coração.

Para finalizar, agradeço ao Eterno que foi lugar de conforto e alívio desde sempre. Seu amor tem me dado propósito e inspiração para viver. Aprendi mais sobre Ele nesses quatro anos e isso me ensinou a viver mais leve. Obrigado.

Com uma onda que se quebra  
Eu me afoguei na desconstrução do meu castelo de areia.  
Mas depois que a onda se foi eu voltei a montar meu castelo de areia.  
Achei-me no meio da tensão e luto para me achar,  
Descansando naquele que sabe quem eu sou.

Calebe L. Viana

VIANA, Calebe Laridondou. **“Pois todos são um em Cristo Jesus”**: um estudo do papel das mulheres nas cartas paulinas sob a perspectiva de michel foucault. 2018. 41 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

### RESUMO

O estudo da Antiguidade não deixou de ser um campo rico em produções e pesquisas, ainda mais depois da ampliação da noção de fonte histórica. Mas, mais do que isso, o passado, mesmo que tão longínquo, marca o presente. Sobre as influências dos escritos paulinos canonizados é que proponho esse trabalho de conclusão de curso: a princípio como uma tentativa de entender os papéis femininos nas comunidades cristãs do século I d.C. dentro do território dominado pelos romanos. Para esse trabalho, parti dos escritos do filósofo francês Michel Foucault sobre a sexualidade, que podem ser encontrados nos três volumes sobre a “História da sexualidade” e na coleção sobre os “Ditos e escritos” e de debates atuais sobre os papéis de gênero. Com isso, procurei entender como os textos canonizados serviram para a manutenção de práticas e discursos que submeteram as mulheres a um lugar de silêncio dentro das comunidades cristãs, tanto da Antiguidade como do tempo presente – já que os discursos modernos se voltam para uma leitura muitas vezes não historicizada desses textos paulinos –, e de como esses textos serviram para que os próprios sujeitos históricos se transformassem, seguindo aquilo que Foucault definiu como “técnicas de si”.

**Palavras chaves:** Cristianismo Primitivo; Cartas Paulinas; Papéis Femininos; Michel Foucault; Cuidado de si.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS
3. PROBLEMATIZAÇÕES DAS CARTAS E DA VIDA DE PAULO
  - 3.1. CARTA COMO FONTE HISTÓRICA
  - 3.2. A HISTÓRIA DA VIDA DE PAULO
4. FACES DO APÓSTOLO PAULO
  - 4.1. PAULO RADICAL
  - 4.2. PAULO CONSERVADOR
  - 4.3. PAULO REACIONÁRIO
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS
6. REFERÊNCIAS



## 1 INTRODUÇÃO

A minha pesquisa tem como temática principal os papéis femininos dentro das primeiras comunidades judaico-cristãs do século I d.C. no território dominado pelos romanos. Escolhi três cartas paulinas para desenvolver minha pesquisa, sendo elas: a Carta aos Gálatas, Carta aos Efésios e Primeira Carta a Timóteo.

A partir desses textos selecionei alguns trechos (versículos), os quais apresentam a figura da mulher e de como ela foi retratada. A seleção dessas fontes não foi aleatória ou neutra, tendo passado pelo crivo da minha familiaridade e afetividade, além de apresentar em seu conteúdo um conflito quanto à hierarquia das primeiras comunidades.

Justamente esse conflito é o problema que motivou esta pesquisa. Percebi esse conflito quando tive contato com uma abordagem histórica dos textos bíblicos, sendo que sempre me deparei com uma leitura homogeneizante e sem conflitos entre os diferentes textos e autores. As entidades religiosas tem favorecido uma leitura de similaridade entre os textos. Sendo assim, já tenho a primeira das minhas justificativas, a necessidade de suprir uma carência pessoal. Diante de um conhecimento dogmatizado, coloquei-me a pesquisar o texto canônico a partir de uma crítica histórica.

Em segundo lugar, diria que minha pesquisa se faz necessária, uma vez que esses mesmos textos religiosos têm sido usados para legitimar discursos e práticas de poder e dominação, excluindo outros discursos e práticas marginais. Os sujeitos inseridos nas comunidades cristãs atuais se veem, por vezes, presos e limitados por tais práticas discursivas.

Entenda o meu leitor ou leitora, que meu propósito não é o de exaltar nenhuma leitura ou perspectiva do texto bíblico, mas expor distintas leituras. Em suma, meu trabalho caminha em direção a uma compreensão contextualizada da fonte bíblica.

Minha justificativa, assim como meu referencial teórico, parte do pensamento do filósofo francês Michel Foucault sobre a sexualidade. Esse autor não se propôs a fazer uma história da sexualidade, mas procurou mostrar como existiu uma ingerência daquilo que entendeu por sexualidade - desejos, corpos, prazeres, práticas sexuais, relações de aliança.

Segundo sua pesquisa, o ocidente elaborou uma trama de mecanismos a fim de determinar uma verdade sobre o sexo - ele dá o nome de “dispositivo de sexualidade”.

No primeiro capítulo desse texto aprofundar-me-ei no pensamento de Foucault a respeito da sexualidade. Por ora, destaco que assim como esse pesquisador, meu interesse anda na direção de desnaturalizar discursos dominantes, que geralmente acabam privando os sujeitos da sua liberdade e até subjugando-os a uma posição de submissão, trazendo a tona discursos e práticas marginalizadas, além de permitir ao sujeito que tome consciência das forças que operam sobre ele, bem como daquelas que ele exerce sobre si mesmo.

A obra referencial para minha pesquisa, mesmo que bem sintética, foi o artigo de John Dominic Crossan (2009), “As duas vozes mais antigas da tradição de Jesus”. Nele encontra-se a temática básica do que abordarei no meu texto: uma problematização da visão homogeneizante do papel da mulher e uma argumentação em prol da hipótese da existência de mais de um autor para o conjunto de cartas paulinas.

Nesse seu texto, Crossan argumenta que existiram três tipos de “Paulos”, autores das cartas, que apresentam posturas diferentes em relação às mulheres. Em primeiro, um que seria o radical – no meu texto também vou chama-lo de “Paulo histórico” –, com um posicionamento de igualdade entre os gêneros e que atribuía papéis importantes dentro do seu ministério para algumas mulheres (uma postura de Paulo não muito comum em sua época). Em segundo, o “Paulo conservador”, que apresenta uma postura mais próxima dos padrões romanos da época em relação às mulheres. Por último, o “Paulo reacionário”, que é assim identificado por apresentar uma postura totalmente divergente do primeiro Paulo. Lembremos que a sociedade na qual esses “Paulos” viveram era marcadamente patriarcal.

Partindo dessa obra referencial para minha pesquisa, proponho estudar três cartas da bíblia, sendo uma delas (Carta aos Gálatas) reconhecidamente paulina e, portanto, pertencente ao Paulo radical. A segunda carta a ser analisada (Carta aos Efésios), provavelmente não é de autoria de Paulo, e a terceira carta (Primeira Carta a Timóteo) pertence ao Paulo reacionário, sendo com certeza uma carta não paulina.

A partir disso vou procurar apresentar detalhes sobre as pessoas de Paulo e de quem teria escrito as cartas que não são do Paulo histórico – vou apresentar argumentos do por que adoto tais cartas como deuteropaulinas.

Sobre as cartas deuteropaulinas, recebem esse nome por terem uma autoria que não seria do “Paulo histórico”. Essa caracterização dos textos tem como base diferenças em relação aos escritos incontestavelmente paulinos que podem ser: de estilo e vocabulário, de conteúdo, de data de escrita, além de apresentar dependência literária do *corpus* paulino.

Resta se perguntar por que alguém assinaria as cartas em nome de Paulo. Pode parecer uma prática incomum para a modernidade a pseudoepígrafe, mas para a antiguidade era até certa medida uma estratégia do autor para conferir maior crédito aos seus escritos.

No caso do apóstolo Paulo, veremos mais adiante, que muitos dos seus discípulos e seguidores tinham interesse em continuar os ensinamentos do mestre e para isso escreveram em nome dele, tentando sanar as necessidades que julgavam pertinentes, entre as comunidades criadas por Paulo.

Meu texto segue a seguinte estrutura: 1) farei uma apresentação dos meus apontamentos teórico-metodológicos e tratarei mais especificamente do conceito de sexualidade na perspectiva de Foucault, seguindo o que consta nos três volumes da “História da Sexualidade” e em outros cursos e entrevistas; 2) analisarei a minha fonte e as problemáticas referentes a ela. Ao adentrar a minha fonte seguirei discutindo a figura de Paulo, enquanto um sujeito histórico; 3) depois, a partir de alguns autores datarei as fontes dessa pesquisa e, finalmente, chego às minhas discussões sobre os papéis femininos e a hierarquia dentro das comunidades criadas por Paulo.

## 2 APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A área de estudos em torno dos textos canônicos atrai atenção tanto de teólogos, como profissionais da academia, de modo que cada grupo aplica sobre esses textos uma lente. Como esse trabalho é fruto de uma pesquisa historiográfica, lanço mão de um recorte temporal e considero o transcurso temporal sobre o qual essas fontes estiveram sujeitas. Aplico, aqui, uma crítica à produção, ao contexto e ao conteúdo das cartas. Para fazer a discussão em cima da temática principal, exposta no parágrafo inicial da introdução recorro aos escritos do filósofo francês Michel Foucault, no que tange às discussões sobre sexualidade.

De forma mais objetiva, diria que esta pesquisa estará baseada em dois procedimentos metodológicos interpretativos principais: 1. pesquisa bibliográfica – leitura e fichamento de textos que apresentem relevância teórica para a análise do tema ou de textos que abordem o fenômeno empírico estudado; 2. análise de documentos – catalogação e análise de fontes primárias escritas.

Trabalharei com os “Ditos e Escritos” (volume V e IX), que contem cursos, trabalhos e entrevistas de Michel Foucault, e com os três volumes da “História da Sexualidade”, mais especificamente os dois últimos tomos, que focam na questão do “cuidado de si”.

Como fonte utilizarei as cartas paulinas e deuteropaulinas que compõem o cânon cristão, mais especificamente às cartas: Carta aos Gálatas, Carta aos Efésios e Primeira Carta a Timóteo.

Já mencionei que Foucault fala sobre a sexualidade, sobre relações de poder e desnaturalização de práticas e discursos. Mas se faz necessário situar a sua produção, em torno da temática da sexualidade, dentro do seu enfoque teórico-metodológico.

Os livros que compõe a trilogia sobre a sexualidade foram escritos em momentos distintos de enfoque teórico e metodológico do filósofo. O primeiro volume seguia o segundo eixo temático do nosso autor:

O segundo eixo temático pode ser denominado de genealogia do poder e englobava pesquisas realizadas ao longo dos anos 1970, quando Foucault passou a lecionar no Collège de France. De forma sintética, poderia ser dito que a questão perseguida pelo filósofo era: Que relações mantemos com os outros por meio das estratégias e relações de poder? Suas “precauções de método” gravitariam ao redor do conceito de genealogia, que pode ser descrito como um conjunto de procedimentos para conhecer o passado e

desnaturalizar o presente; ou, ainda, como um mapeamento das ascendências do que hoje é pensado, dito e feito, não se tratando de uma interpretação, mas de uma história das muitas interpretações ocultadas ou sedimentadas.<sup>1</sup>

Já o segundo e terceiro volume estão voltados para o que ele chamou de técnicas ou cuidado de si, que compõem o terceiro eixo temático:

Por fim, a ética do cuidado de si, que envolvia investigações iniciadas no fim dos anos 1970 e que estavam em curso quando Foucault morreu, no ano de 1984. Parece que sua preocupação teórica se voltava para uma resposta à seguinte pergunta: Quais são as relações entre verdade, poder e si mesmo? Não havia nesse momento da vida do filósofo uma inovação de caráter metodológico, mas uma continuidade com procedimentos anteriormente utilizados, que poderia ser muito bem sintetizado pela expressão arqueo-genealogia.<sup>2</sup>

Ao considerarmos essa fase do autor, devemos levar em conta a relação entre verdade, poder e si mesmo, pois foi assim que o próprio Foucault viu sua produção.

Nessa terceira fase do filósofo ele considerou as forças que os sujeitos exercem sobre si. No campo da sexualidade poder-se-ia dizer que algumas das ações que os sujeitos desenvolviam para se transformarem são:

Algumas das práticas comuns dos que se inquietavam pela relação consigo eram as leituras, as meditações, as restrições sexuais ou de outro tipo, o cuidado do corpo, os regimes de saúde, a satisfação comedida das necessidades, o dar e receber conselhos, a correspondência com mestres, amigos ou discípulos, as confissões, a direção de consciência, a vida comunitária (temporal ou definitiva), o “trabalho” de conversão e as anotações periódicas em diários pessoais.<sup>3</sup>

Esther Días ao explicar “o cuidado de si” em Michel Foucault comenta que, “o indivíduo transforma-se modificando a si mesmo para alcançar diferentes objetivos, alguns dos quais podem ser: certo grau de perfeição, de felicidade, de pureza ou poder sobrenatural”<sup>4</sup>.

Ele justifica que começou a pesquisar sobre a “História da Sexualidade”, a partir da curiosidade no fenômeno da histeria. Ele argumenta que existiria uma superprodução de discursos sobre a sexualidade no Ocidente e, ao mesmo tempo,

<sup>1</sup> OLIVA, A. S. *Sexualidades nos Atos Apócrifos dos Apóstolos a partir da filosofia de Michel Foucault*. 2018. (Texto não publicado). p. 4.

<sup>2</sup> Ibid. p. 4.

<sup>3</sup> DÍAS, E. *A filosofia de Michel Foucault*. São Paulo: Unesp, 2012. p. 174.

<sup>4</sup> Ibid. p. 187.

um profundo desconhecimento do sujeito a respeito de sua sexualidade. Segundo sua pesquisa essa superprodução remonta aos primeiros séculos cristãos.<sup>5</sup>

A pesquisa que ele realizou sobre a sexualidade não visava fazer uma história da sexualidade, mas mostrar como o saber e as práticas construíram o que se entendeu por sexualidade nos diferentes momentos da história. Seu foco estava nas relações de poder que envolviam o campo da sexualidade, que não dizia respeito somente ao sexo, mas também ao domínio do corpo, do desejo e do prazer.

Em um texto de Pedro Funari, ele traz uma definição do que seria o conceito de sexualidade, que vale ser citada e que resume a maneira como compreendo essa palavra:

Não é só com relação ao ócio que devemos lembrar que os antigos tinham conceitos que não os nossos. *Sexualidade* é uma noção inventada modernamente e refere-se à maneira como se expressam as relações entre os sexos e os seus desejos. Amor e sexualidade estão relacionados um com o outro e, no mundo ocidental em que vivemos, não se pode separar estes temas de dois aspectos que não existiam na Antiguidade grega: a herança judaico-cristã e o discurso científico surgido no século XIX d.C. No primeiro caso, as relações sexuais ligam-se tradicionalmente às noções de culpa e pecado, de abstinência e controle dos desejos, considerados, de uma maneira ou de outra, ligados às forças do demônio. A noção de pecado original é muito importante, pois se associa a queda do homem do Paraíso à descoberta da nudez e, portanto, da sexualidade.<sup>6</sup>

Retornando ao filósofo, Foucault, os dois últimos volumes da sua trilogia, se voltam para a Antiguidade, mais especificamente para os séculos V a.C. até meados do século V d.C., no território onde operou a dominação romana e que serviu de berço para o cristianismo. Sua questão, nos dois últimos volumes, se dá no por que o comportamento sexual e seus prazeres foram objeto da ordem moral desde a Antiguidade, sofrendo interdições da religião e da filosofia antiga.

Ao olhar para o mundo no qual emergia o cristianismo, Michel Foucault demonstra que as interdições e “verdades” pronunciadas sobre a sexualidade no cristianismo não são mais do que uma continuidade do que já se praticava no mundo romano pagão.

Segundo a sua argumentação, o cristianismo só teria acrescentado novas técnicas – poder pastoral – para a prática da monogamia, sexo com a finalidade

---

<sup>5</sup> MOTTA, M. B. (Org.). *Michel Foucault: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Coleção Ditos e Escritos V). p. 57-59.

<sup>6</sup> FUNARI, P. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 52-53.

única da reprodução e defesa do prazer sexual como uma prática vinculada ao mal/pecado.

Em suas entrevistas ele expressa seu embate sobre o silêncio criado no ocidente a respeito da sexualidade. Afinal, para o pensador, não haveria existido tal silêncio, mas sim uma intensa disputa pela construção da verdade sobre o sexo, que ora era comandada pela ciência ora pela religião.

O filósofo não se conforma que o Ocidente tenha se debruçado na busca pela verdade do sexo, do verdadeiro sexo, enquanto que no Oriente o foco era a busca para aumentar o prazer sexual.

Portanto, no Ocidente, pode-se entender que a sexualidade sofreu uma normatização em direção à busca por uma verdade, assim como o próprio indivíduo, que, segundo a lógica de Foucault, é constituído e constitui sua própria sexualidade. A partir disso podemos dizer que sua essência não está dada *a priori*, mas foi gerida por discursos e práticas, com intuito de manutenção de poder – mais adiante explicarei melhor o conceito de poder para esse autor.

O filósofo fala que seu intuito é o de desnaturalizar esses discursos e práticas, a fim de que o sujeito possa ser quem ele quiser ser – não ignorando as forças externas que operam sobre ele, nem as que ele exerce sobre si mesmo.

Ao longo de toda sua produção, o pensador procurou mostrar como os sujeitos não têm uma subjetividade natural, mas que são constituídos a partir desse jogo de verdade e poder.

É de extrema importância para nosso autor compreender que o poder assume não só a função de interdição, impedir, traçar limites, ele pensava isso, mas ampliou seu entendimento após fazer as pesquisas que resultaram na obra “Vigiar e Punir”.

O poder seria muito mais um mecanismo produtor e positivo na constituição das subjetividades. A partir de relações de poder os sujeitos estariam se modificando e sendo transformados. Diria que essa concepção é fundamental para ler os textos bíblicos – leio as passagens às quais irei analisar mais sob essa dimensão, de discursos produtores de práticas, do que restritivas e limitadoras. Não pretendo estudar quais as respostas ou possíveis transformações que as comunidades sofreram, mas compreender que os sujeitos dessas comunidades não seguiram, necessariamente, as interdições das cartas.

Voltando às relações de poder, elas só existem para Foucault, quando há uma via de mão dupla na relação, ou seja, há possibilidade de resistência e de uma não unilateralidade.

Mesmo que um dos indivíduos seja superior na relação de poder, deve existir a possibilidade do outro de resistir ao poder. Um exemplo que não configura uma relação de poder seria a relação entre um senhor e seu escravo, afinal, eles se relacionam de forma unilateral, porque o senhor manda e o escravo só obedece, este não tem poder sobre seu senhor.

Outro aspecto do poder é o de que ele não existe em si mesmo. Disso podemos dizer duas coisas sobre o poder, a primeira delas é que ele está difuso nas trocas entre os sujeitos; a segunda é que ele não tem essência, mas é fruto das relações. Ele não é pertencente a um grupo ou classe, mas permeia as microesferas da sociedade nas quais se dão as trocas entre os sujeitos, sendo eles também detentores de poder, mas somente na realização das relações de poder.

Meu esforço em explicar o conceito de sexualidade tem como objetivo permitir ao leitor e/ou leitora compreenderem como é complexa a constituição do sujeito, ou melhor, de sua subjetividade.

É por esse caminho que entendo que serviram os textos bíblicos que alisarei neste trabalho. Não no sentido, abordado por Foucault, de constituírem uma subjetividade no campo do sexo, do desejo, do corpo e dos prazeres, mas sim, no tocante ao papel feminino e à construção de uma hierarquia nas comunidades cristãs.

O caminho traçado pelas técnicas de si reconhece o indivíduo como agente criador de sua subjetividade e não só como passivo, trazendo reconhecimento para importância dos sujeitos - no caso, às próprias mulheres, às quais se direcionavam algumas das recomendações das cartas paulinas.

Essa proposta pensa as mulheres como agentes na história, trazendo à luz a sua ação na trama do tempo.

No próximo capítulo irei analisar a carta enquanto fonte, traçando suas especificidades e o meio como Paulo utilizou desse meio de comunicação para perpetuar sua forma de pensar, além de pontuar aspectos da vida dele, a fim de que seja mais fácil a compreender sobre a carta autenticamente paulina.



### 3 PROBLEMATIZAÇÕES DAS CARTAS E DA VIDA DE PAULO

#### 3.1 CARTA COMO FONTE HISTÓRICA

A história da crítica bíblica é demasiadamente longa e complexa, de modo que não caberia a este trabalho se debruçar tanto sobre tal assunto. Cabe, por outro lado, citar aqui apenas alguns pontos que considero mais essenciais.

Os trabalhos de crítica a bíblia existem desde a Antiguidade. Com a Reforma Protestante, iniciada com Lutero, houve um importante marco para os estudos linguísticos da bíblia, passou a se valorizar mais a leitura no original, mas também trouxe à superfície a importância do acesso a esse livro por todos. Na época das Luzes, com o enaltecimento da razão, fez surgir o método científico.

Além disso, o alargamento do conhecimento sobre o mundo social, religioso, geográfico, histórico, formas de pensamento e de escrita no qual o Novo Testamento estava inserido beneficiou as pesquisas no século XX sobre o cristianismo primitivo e as fontes bíblicas. Ao longo do século XXI muitos trabalhos tem privilegiado o contexto social dos primeiros cristãos, na forma como produziam e liam o Novo Testamento, ademais, alguns trabalhos tem se voltado para a leitura que cristãos contemporâneos fazem dos textos sagrados.<sup>7</sup>

É um pouco dessas duas coisas que desenvolvo nessa pesquisa: primeiro, expresso, a partir da pesquisa de Foucault sobre a sexualidade e o cuidado de si, que os sujeitos dos primeiros séculos, num contexto patriarcal, sofrem mudanças provocadas por forças externas (as cartas bíblicas, nesse caso), mas que também se constituíram como formadores de sua subjetividade, por exemplo, não tomando para si os ensinamentos e restrições das cartas paulinas e deuteropaulinas ou, ainda, modificando a prática dessas orientações. Segundo, chamou-me atenção a forma como, no tempo presente, são feitas leituras não históricas dos textos bíblicos, perpetuando estruturas patriarcais.

Retornando a imagem da bíblia, enquanto fonte histórica, passou por um processo de mudança na forma como ela foi compreendida entre os pesquisadores

---

<sup>7</sup> KSELMAN, J. & WITHERUP, R. Crítica moderna do Novo Testamento. In. BROWN, R.; FITZMYER J. & MURPHY, R. (Orgs.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 1121-1122.

e pesquisadoras. Já foi uma fonte lida literalmente, como se os episódios narrados em seus livros<sup>8</sup> fossem todos acontecimentos verídicos.

Com o aumento da crítica literária bíblica alguns pesquisadores e pesquisadoras passaram a considerá-la somente em parceria com comprovações arqueológicas. Há pessoas que desconsideram todo trabalho em cima dessa fonte, pois julgam seu conteúdo místico<sup>9</sup> e sem nenhuma fidelidade histórica, por causa do seu conteúdo e das várias compilações que sofreu.

Uma crítica mais ponderada da bíblia compreende as especificidades dessa fonte e adequa uma crítica que não nega sua relevância nem seu conteúdo. É a partir dessa postura que me interesse e compreendo minha fonte.

A facilidade e variedade de bíblias que temos acesso na atualidade pode ser uma dificuldade para o pesquisador que procura realizar uma pesquisa histórica mais aguçada. Para isso eu escolhi a versão “Bíblia Jerusalém”<sup>10</sup>, da editora Paulinas, por sua melhor tradução direto do original e por sua grande presença dentro de outros trabalhos acadêmicos.

Depois de feita a introdução teórica no capítulo anterior, parto para a discussão em torno da figura de Paulo e da análise da fonte. Mas antes de entrar propriamente na discussão do gênero literário carta, tecerei algumas considerações sobre a titulação de canonicidade<sup>11</sup> que minha fonte recebe. Em seguida, parto para uma introdução da figura de Paulo, bem como para análise do documento.

Para o trabalho de um historiador a criticidade da fonte é fundamental e considerar o texto canônico, numa visão religiosa dogmática do tempo presente, pode prejudicar os resultados e discussões.

Como toda fonte histórica o texto bíblico canonizado<sup>12</sup> é fruto de um transcurso temporal e está suscetível às transformações do tempo. A canonização

---

<sup>8</sup> A bíblia é a coleção de varias obras, escritas por diversos autores dentro de um longo período de tempo.

<sup>9</sup> Eu diria que qualquer texto, mesmo ficcional, sempre tem conexões com a história, mesmo que seu propósito de produção tenha sido o de divertir os seus potenciais leitores ou leitoras. OLIVA, A. Op. cit. p. 8.

<sup>10</sup> GORGULHO, G. S. et ali. (Coords.). *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2010.

<sup>11</sup> “Na terminologia atual, um livro canônico é aquele que a igreja reconhece como pertencente à sua lista de livros sagrados, como inspirados por Deus e como tendo um valor regulador (regra) para a fé e a moral.” BROWN, R. & COLLINS, R. Canonicidade. In. BROWN, R.; FITZMYER J. & MURPHY, R. (Orgs.). Op. cit. p. 909.

<sup>12</sup> As cartas, que a priori são atribuídas a Paulo, formam o corpo do Novo Testamento dos cristãos e correspondem mais da metade das obras desse tomo de livros. Há um consenso entre os especialistas, que nem todas as cartas atribuídas a Paulo são autenticamente paulinas. Aquelas cartas de autoria duvidosa ou comprovadamente não paulina recebe o nome de deuteropaulina.

dos textos bíblicos foi um processo que sofreu interferências de vários fatores, incluindo interesses dos redatores e de grupos dominantes ao longo das eras. Deve-se considerar, também, que as condições do tempo, e outras adversidades – como dificuldade de conservação e extravio ou perda – podem ter impedido a perpetuação e a durabilidade das fontes até os dias atuais, como é comum às fontes da Antiguidade.

Koester coloca um ponto interessante sobre os livros bíblicos: “não são conservados em sua forma original, mas em sua forma subsistentes são produtos de redações, edições e compilações secundárias”.<sup>13</sup> Numa linha direta, eu diria que a canonicidade para uma pesquisa científica não tem valia.

Um pesquisador devoto a alguma religião deve tomar cuidado ao se deparar com esse tipo de fonte para não incorrer no erro de perpetuar discursos anacrônicos. Mas nada impede que uma pessoa religiosa seja capaz de fazer uma pesquisa científica no campo da religião, ou também que um trabalho de um não religioso seja mais válido do que se não o fosse.

É comum que religiosos que não têm contato com pesquisas históricas acreditem que a disposição dos livros no cânon cristão segue uma cronologia de escrita, no entanto, os textos estão dispostos de forma que não considera a data de escrita, sendo as cartas paulinas os escritos mais antigos do Novo Testamento, possivelmente datados, pelos pesquisadores, da década de 50 d.C., enquanto os evangelhos são posteriores.

As cartas enquanto meio pelo qual se difundiu os ensinamentos paulinos, tinham como objetivo: manter a comunicação à distância, promover a organização e manutenção das comunidades, na ausência do apóstolo, além de resolver problemas que ameaçam a existência da comunidade ou dos ensinamentos paulinos – sobre esse aspecto, especificamente, é que se desenvolve a maior parte da carta aos gálatas – e estimular a coleta recursos financeiros para encaminhar a comunidade de Jerusalém.<sup>14</sup>

Cabe ressaltar que no período em que Paulo viveu, não existiam igrejas nos moldes que as conhecemos atualmente, com infraestrutura e hierarquias. A palavra “igreja”, do grego *ekklesia*, que se aproxima mais da definição de assembleia ou

---

<sup>13</sup> KOESTER, H. *Introdução ao novo testamento: 2. história e literatura do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 47.

<sup>14</sup> *Ibid.* p. 2-3, 58.

comunidade, formada por grupo de pessoas que se reuniam na fé comum em Jesus Cristo, normalmente nas residências domésticas de algum dos membros.

A estrutura básica do meio de comunicação, carta, segundo Koester (2005), seguia a estrutura da carta judaica, com elementos greco-romanos. Paulo acabou tendo elementos criativos próprios em seus escritos que vieram a caracterizar as cartas apostólicas posteriores.

Os elementos básicos da carta são: endereço com o nome do remetente, destinatário e a saudação. Depois do endereço, segue um agradecimento extensivo, comentários sobre a vida do apóstolo e a condição da igreja.

No caso do escrito aos Gálatas esse proêmio já introduz um conflito, entre Paulo e seus opositores na comunidade de Gálatas, que percorrerá grande parte da carta.

A carta não é iniciada em sua forma convencional, no entanto, inicia de modo descortês, afirmando/defendendo sua missão como resultado de uma incumbência divina e não humana – direi mais sobre esse ponto no decorrer do texto, no que tange ao contexto específico da comunidade dos Gálatas.<sup>15</sup> Tomando a estrutura final da carta paulina, ele faz as saudações finais, nomeando indivíduos específicos.<sup>16</sup>

Um último aspecto que ressalto dessa fonte enquanto meio de disseminação dos ensinamentos de Paulo é que tal veículo era direcionado para comunidades específicas, tratando particularmente dos seus problemas e necessidades. Isso é importante, à medida que desde os primeiros séculos da Antiguidade, assim como nos dias atuais os ensinamentos e palavras a uma comunidade foram transformadas em ensinamentos para outras comunidades, com contextos, culturais, sociais e temporais diferentes, desprezando as peculiaridades de cada texto.

### 3.2 A HISTÓRIA DA VIDA DE PAULO

Em cada carta que Paulo escreveu é possível perceber um pouco da sua compreensão sobre o evangelho e sua missão. A fim de não estender esse trabalho, pontuarei aspectos muito bem colocados por alguns pesquisadores e pesquisadoras, e centralizarei a figura de Paulo e suas convicções na carta

<sup>15</sup> DUNN, J. *Jesus, Paulo e os evangelhos*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 171.

<sup>16</sup> KOESTER, H. Op. cit. p.59.

genuinamente paulina, que será analisada no próximo capítulo dessa pesquisa – Carta aos Gálatas -, entendendo que nela se encontra a radicalização dos argumentos paulinos sobre a liberdade e igualdade em Cristo Jesus.

O conteúdo da carta, como já mencionado anteriormente, era uma resposta do fundador da comunidade aos seus opositores que contrariavam e negavam seus ensinamentos naquela região. Mas qual era essa divergência? Para melhor compreensão farei uma exposição de quem foi esse sujeito histórico e quais são os aspectos centrais da sua crença.

No cânon do Novo Testamento, a pessoa de Paulo pode ser apreendida tanto nos Atos dos Apóstolos<sup>17</sup>, escrito por Lucas<sup>18</sup>, como em suas próprias cartas. Diante dessa dupla perspectiva algumas contradições se colocam, sendo mais comum a aceitação daquilo que se encontra nas cartas autênticas. A pesquisa crítica também considera aquilo que é semelhante às duas fontes (Cartas Paulinas e Atos dos Apóstolos).

Pouco se sabe sobre a vida de Paulo antes de sua conversão à fé em Cristo. De acordo com Koester (2005), ele seria descendente de israelitas da tribo de Benjamim, tendo contato com a educação judaica e seguindo a seita farisaica. O farisaísmo era um grupo caracterizado pelo zelo nas leis da Torá e que almejavam um alto nível de pureza e santidade, chegando a excluírem-se da comunidade que não tinham o mesmo apego pela pureza, nem o mesmo afincamento nos termos da lei.<sup>19</sup>

Além disso, Paulo teria crescido num mundo greco-romano tendo contato com ideias filosóficas populares e habilidades retóricas, característica essa que fica evidente em suas cartas.<sup>20</sup>

Paulo teria recebido sua vocação diretamente do próprio Cristo, por volta do ano 35 d.C. na estrada para Damasco, sendo antes disso perseguidor dos “cristãos”<sup>21</sup>. Após esse episódio teria ido para a comunidade de seguidores de Jesus

---

<sup>17</sup> Tomemos cuidado para não pensarmos erroneamente na cronologia de Atos dos Apóstolos como anterior as cartas autênticas de Paulo. Lucas escreveu esse texto provavelmente nos anos 80-90 d.C. Referência para essa data pode ser encontrada em: MARGUERAT, D. (Org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 146. MONASTERIO, R. A. & CARMONA, A. R. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave Maria, 2000, p. 263-366.

<sup>18</sup> Não se sabe com precisão quem foi esse Lucas, mas se acredita que ele é o mesmo autor do Evangelho de Lucas.

<sup>19</sup> DUNN, J. Op. cit. p. 188.

<sup>20</sup> KOESTER, H. Op. cit. p. 114.

<sup>21</sup> Ressalto que nos primeiros séculos dessa era não existia uma distinção clara entre judeus e cristãos. A área de estudos do cristianismo primitivo tem dificuldades em delimitar uma data que marque a separação dessas duas religiões, ou melhor, não se sabe ao certo quando se tornaram

situada em Antioquia, onde provavelmente desenvolveu sua teologia por três anos. Só após esse tempo foi até a comunidade de judeus-cristãos em Jerusalém, na qual ficou pouco tempo.

Na carta aos gálatas (Gálatas 1,17) o autor evidencia que não teria ido para Jerusalém depois de convertido e com isso enfatiza sua independência em relação à comunidade que lá se encontrava.<sup>22</sup> Dessa forma o pensamento que Paulo adquiriu se aproxima mais do contexto da de Antioquia do que dos judeus de Jerusalém convertidos ao cristianismo – sendo expoentes dessa teologia: Pedro e Tiago.

Essa ênfase na comunidade de Antioquia serve como norteador da explicação do chamado de Paulo para levar o evangelho de Cristo aos gentios.

A desvinculação da lei já havia sido reivindicada pelos judeus helenistas seguidores de Jesus em Jerusalém. Mas uma cidade não submetida ao controle do Templo e de suas autoridades seria um lugar mais apropriado para a constituição de uma comunidade livre da lei de Moisés. A fundação dessa comunidade em Antioquia, a maior metrópole do Oriente e capital da província da Síria, foi por isso um passo decisivo na direção de um esforço missionário importante na diáspora judaica e no mundo gentio do império romano. Antioquia passou então ser a base e o centro de propagação do evangelho para comunidades de gentios fundadas por Barnabé, Paulo e outros.<sup>23</sup>

Quem eram especificamente esses gentios para os quais Paulo dedicou todo seu esforço missionário? De acordo com a hipótese maior<sup>24</sup> de Crossan e Reed, o apóstolo teria pregado aos gentios simpatizantes do judaísmo. Primeiramente, porque ele escreve de forma que se um pagão puro lesse não entenderia as mensagens vinculadas ao judaísmo. Em segundo lugar, se ele pregava para esses pagãos<sup>25</sup> simpatizantes, isso justificaria ter encontrado resistência por parte dos judeus que não queriam perder esses fiéis, para a nova seita cristã.

Paulo ao pregar aos pagãos já simpatizantes do judaísmo acabava por retirar das sinagogas judaicas esse corpo de fiéis. Fora esse embate com os judeus, ele também foi mal quisto pelos pagãos não judeus que já não gostavam do fato de pagãos serem simpatizantes do judaísmo. Mas para eles, ser simpatizante do

---

independentes. Ao me referir aos cristãos nesse trabalho, entendo que eles fazem parte de uma ramificação dentro da própria religião judaica.

<sup>22</sup> SCHNELLE, U. *Paulo: vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 53.

<sup>23</sup> KOESTER, H. Op. cit. p. 106-107.

<sup>24</sup> Os textos paulinos e Atos dos Apóstolos de Lucas divergem quanto ao alvo missionário de Paulo. Para Lucas, ele mostra Paulo pregando primeiro aos judeus; já o próprio Paulo se declara anunciador do evangelho aos gentios exclusivamente.

“cristianismo” seria ainda pior, pois não tinham país e eram vistos como seguidores de uma crença supersticiosa.<sup>26</sup> O público-alvo do apóstolo justifica, então, a oposição de judeu-cristãos na comunidade dos Gálatas.

Voltando ao autor da Carta aos Gálatas, analisarei agora como Paulo escreveu sobre quem era e naquilo que acreditava, de acordo com aquilo que James Dunn escreveu.<sup>27</sup> Paulo enquanto judeu, declara em Gálatas 1,13-14 seu passado vinculado a essa religião, mas desconsiderou a vida de zelo extremo na lei e justiça do farisaísmo. Com isso Paulo não deixou de ser judeu. É importante perceber que o cristianismo não constituía uma nova religião durante o século I d.C., mas um segmento dentro do próprio judaísmo, assim como era o farisaísmo.

A distinção entre essas duas religiões e quando se deu esse acontecimento tem sido o embate de muitos pesquisadores e pesquisadoras. Sendo assim, Paulo reconhecia as marcas indenitárias dos judeus, que segundo Dunn, seriam principalmente, a circuncisão, a guardar do sábado e o momento à mesa.

Nosso personagem se identifica algumas vezes como sendo descendente de Israel, no intuito de transcender a “distinção étnico-religiosa indicada pelo contraste ‘judeu/pagão’.”<sup>28</sup>

Muito antes, todo interesse de Paulo estava voltado para reafirmar a identidade de Israel como primordialmente determinada por Deus e em sua relação a Deus e, portanto, como uma identidade que transcende as distinções étnicas e sociais e absorve a diversidade étnica e social.<sup>29</sup>

Agora, a maneira como ele mais se auto intitulou foi como alguém estando “em Cristo” (oitenta e três vezes nas cartas paulinas) e “no Senhor” (quarente e sete vezes nas cartas paulinas). Por último, Paulo se auto intitulou como apóstolo de Cristo. Ele entendeu o apostolado como alguém que é enviado/mensageiro, com autoridade, no caso dele atribuiu essa autoridade da parte de Deus, no início do texto aos gálatas. Todavia, reside um problema nesse atributo, pois esse termo, segundo o texto de Atos dos Apóstolos – esse escrito é posterior às cartas paulinas -, era a marca daqueles que tiveram contato com Jesus quando ele ainda estava na terra. Paulo, entretanto não viveu com Jesus. Essa titulação usada por Paulo serve

<sup>26</sup> CROSSAN, J. D. & REED, J. L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 45-46.

<sup>27</sup> Para melhor aprofundamento do tema, ver: DUNN, J. Op. cit. p. 155-169.

<sup>28</sup> Ibid. p. 164-165.

<sup>29</sup> Ibid. p. 165.

como uma forma de legitimar sua mensagem diante daqueles que desprezavam seus ensinamentos, como é o caso do episódio na comunidade dos Gálatas.

As convicções de Paulo sofreram influência das ideias com as quais teve contato na comunidade de Antioquia. Como já mencionado, essa região tinha uma maior liberdade em relação à lei de Moisés. Essa liberdade da lei parece ser o ponto de conflito com os judeus cristãos de Jerusalém e alguns crentes da comunidade de Gálatas.

Paulo defendia a liberdade plena em relação à Torá, mas se apegava aos preceitos éticos. Ele acreditava que não havia humano capaz de cumprir toda lei, logo, nenhuma lei seria possível de se viver, já que errar em um preceito equivale errar em toda a lei. Como se não bastasse Paulo defende na carta aos romanos, que todos teriam pecado. Em suma, nada que o ser humano fizesse traria salvação para si.

A resposta para a justificação se deu na pessoa de Jesus Cristo, que cumpriu toda lei e não tinha pecado algum. Esse pensamento está condensado em Gálatas 2,16. O posicionamento de Paulo acabava desconsiderando o marco de identidade do povo judeu e seu título de “povo eleito”. Agora todos que tivessem fé em Jesus seriam justos diante de Deus.

Para alguns judeu-cristãos o pensamento paulino era errôneo e merecedor de ser combatido. O centro de divergência era, portanto: “Judeus-cristãos opositores de Paulo exigiram da comunidade de gentios convertidos ao cristianismo que praticassem a circuncisão e prestassem maior atenção as datas do calendário judaico.”<sup>30</sup> A fim de refutar essa oposição Paulo utiliza de cinco argumentos, que segundo Crossan e Reed o sucesso ou fracasso desses argumentos teriam possivelmente norteado o futuro daquelas comunidades.<sup>31</sup>

Depois de fazer um percurso sobre algumas características do apóstolo Paulo e de algumas de suas convicções, parto para uma exposição de quadros cronológicos que apresentam alguns eventos da vida dele. Meu principal intuito ao apresentar esses quadros é argumentar sobre o provável falecimento desse apóstolo, pois a partir disso irei utilizar como um dos argumentos, no próximo

---

<sup>30</sup> SCHNELLE, U. Op. cit. p. 342-343.

<sup>31</sup> Entre os argumentos que ele elabora, por ordem de cronológica, estão: argumento histórico, argumento pautado na experiência, argumento exegético, argumento batismal (sobre esse argumento discorro mais profundamente no próximo tópico), argumento pautado na emoção.



capítulo, para definir se as cartas seriam do Paulo autêntico ou se é uma carta deuteropaulina.

O primeiro quadro cronológico é de J. Murphy-O'Connor, o conceituado professor da Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém<sup>32</sup>, que aponta para a morte de Paulo no ano de 67 d.C.

<b>Data</b>	<b>Acontecimento</b>
c. 6 a.C.	Nascimento
33 d.C.	Conversão
34-37	Damasco
37	Primeira visita a Jerusalém
37 (?)	Síria e Cilícia
51	Segunda visita a Jerusalém
51-52	Antioquia
52	Éfeso (Viagem)
52-54	Éfeso (Estadia)
54-55	Macedônia
55	Ilíria
55-56	Corinto
56	Jerusalém (Viagem)
57(?)- 61(?)	Jerusalém e Cesaréia
61-62	Roma (viagem)
63-64	Roma (Estadia)
64	Espanha
64-66	Ao redor do Egeu
67	Morte em Roma

Outro autor que faz uma cronologia da vida de Paulo é K. P. Donfried, em cuja cronologia não chega propriamente a dizer quando Paulo foi executado, mas apresenta dados que nos conduzem a Roma no ano 60, permitindo que interpretemos que seu martírio poderia ter-se dado nos anos seguintes, muito provavelmente durante o reinado de Nero: <sup>33</sup>

<b>Data</b>	<b>Acontecimento</b>
33	Conversão
36	Primeira visita a Jerusalém
46	Visita por ocasião de uma fome
47-48	Primeira viagem missionária

<sup>32</sup> MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 17-46.

<sup>33</sup> DONFRIED, K. P. 1 Tessalonicenses e a cronologia paulina. In: DEWTTILER, A.; KAESTLI, J. D.; MARGUERAT, D. (Orgs.). *Paulo, uma teologia em construção*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 115-143.

49	Conferência apostólica
50	Corinto (Chegada)
51-52	Corinto (Saída)
53	Éfeso
56	Corinto (Chegada)
57	Filipos
55	Ilíria
57	Jerusalém (Chegada)
59	Diante de Festus
60	Roma (Chegada)

Outro estudioso que postula a morte do apóstolo é R. Brown, professor de Novo Testamento, cuja obra tem sido uma referência importante para a datação de muitos escritos do cânon cristão. Ele apresenta duas cronologias paralelas, uma tradicional e outra revisionista. Para o autor parece que ambas concordam em poucos aspectos, dentre eles estaria a data da morte do apóstolo dos gentios:<sup>34</sup>

<b>Cronologia Tradicional</b>	<b>Cronologia Revisionista</b>	<b>Acontecimento</b>
36	30-34	Conversão
39	33-37	Visita a Jerusalém, depois de Damasco
40-44	Após 37	Cilícia
44-45	Após 37	Antioquia
46-49	Após 37	Primeira viagem missionária – Antioquia, Chipre, Ásia Menor, Antioquia)
50-52	39-41/43	Segunda viagem missionária – Antioquia, Ásia Menor, Galácia, Macedônia, Corinto, Jerusalém, Antioquia
49	47-51	Assembleia em Jerusalém
54-58	39-41/43	Terceira viagem missionária – Antioquia, Galácia, Éfeso-Prisão, Corinto, Jerusalém
54-57	48-55	Prisão em Éfeso
58-60	52-55 ou 56-58	Aprisionado em Jerusalém, permanece na prisão em Cesaréia por dois anos
60-61		Enviado a Roma por via marítima
61-63		Prisioneiro em Roma durante dois anos
64		Morte em Roma sob Nero

O autor F. Vouga não menciona a morte de Paulo, apenas encerra sua cronologia com a escrita de sua última carta autêntica, Romanos, permitindo que apenas imaginemos o que poderia ter acontecido depois disto. Se não apoia nosso argumento, também não refuta:<sup>35</sup>

<sup>34</sup> BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 565-594.

<sup>35</sup> VOUGA, F. Cronologia paulina. In: MARGUERAT, D. (Org.). Op. cit. p. 171-180.

<b>Data</b>	<b>Acontecimento</b>
32-34	Vocação de Paulo
32-35 / 37-49	Viagem na Arábia
35-48 / 37-49	Viagem na Síria e na Cilícia
48-49	Assembleia dos apóstolos em Jerusalém
48-56 / 49-57	Viagem na Europa
49-51 / 50-52	Paulo em Corinto
50-52	1 Tessalonicenses
51-54 / 52-55	Paulo em Éfeso
52-54	1 Coríntios
54-55	2 Coríntios
55-56 / 56-57	Paulo em Corinto
56-57	Romanos

Outro autor que pressupõe a morte de Paulo na década de 60 d.C. é o estudioso italiano R. Fabris:<sup>36</sup>

<b>Data</b>	<b>Acontecimento</b>
c. 6 d.C.	Nascimento em Tarso
19-20	Em Jerusalém, estuda com Gamaliel
34	Experiência de Damasco
37	Primeira visita a Jerusalém
46	Primeira viagem missionária – Chipre, [Anatolia] Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe
49	Segunda visita a Jerusalém, concílio apostólico, Antioquia e discussão com Pedro
50	Segunda viagem missionária – [Ásia Menor] Trôade, [Macedônia] Filipos, Tessalônica, [Acaia] Atenas e Corinto
53	Terceira viagem missionária – [Galácia], [Ásia Menor] Éfeso, Trôade, [Acaia] Corinto, [Macedônia] Filipos, Trôade e Mileto
58	Prisão em Jerusalém e Cesaréia
60	Viagem a Roma, naufrágio em Malta e chegada à Itália
61-63	Chegada a Roma, prisão romana e martírio

Outro importante pesquisador a pensar que Paulo morreu durante a década de 60 d.C. é U. Schenelle:<sup>37</sup>

<sup>36</sup> FABRIS, R. *Paulo: apóstolo dos gentios*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 117 e 611.

<b>Data</b>	<b>Acontecimento</b>
33	Conversão
35	Jerusalém (Primeira estada)
c. 36-42	Cilícia
c. 42	Antioquia
c. 45-47	Primeira viagem missionária
48	Convenção dos Apóstolos; Incidente antioqueno
48-51/52	Segunda viagem missionária
50/51	Corinto
51/52	Gálio em Corinto; Antioquia
52-55/56	Terceira viagem missionária
52-54/55	Éfeso
55	Macedônia
56	Corinto; Jerusalém
56-58	Prisão em Cesaréia
58	Troca de procurador: Félix / Festo
64	Morte

Por último, mais um conceituado e fundamental estudioso, H. Koester, que apresenta uma cronologia que tem a vantagem de cruzar dados da vida de Paulo com datas de seus escritos, constituindo-se em um excelente guia para os estudos sobre o apóstolo. Esse autor também não fala em uma data para a morte de Paulo, mas não nega a data postulada pelos outros autores:<sup>38</sup>

<b>Data</b>	<b>Acontecimento</b>
35	Vocação de Paulo
35-38	Atividade missionária na Arábia
38	Visita a Pedro em Jerusalém
38-48	Atividade missionária na Cilícia e na Síria
48	Concílio apostólico de Jerusalém
48-49	Incidente em Antioquia
49	Missão na Galácia
50	Missão em Filipos, Tessalônica e Beréia; viagem a Corinto, passando por Atenas; <b>1 Tessalonicenses</b>
50-52	Missão em Corinto
52	Viagem para Antioquia, Éfeso, Ásia Menor e Galácia
52-55	Missão em Éfeso; <b>Gálatas</b> ; <b>1 Coríntios</b> ; Parte de <b>2 Coríntios</b>
54	Visita a Corinto
54-55	Prisão em Éfeso; <b>Filipenses</b> ; <b>Filemom</b> ; Parte de <b>2 Coríntios</b>
55	Viagem de Éfeso para Corinto, passando por Trôade e Macedônia; Parte de <b>2 Coríntios</b>

<sup>37</sup> SCHNELLE, U. Op. cit. p. 60-61.

<sup>38</sup> KOESTER, H. Op. cit. p. 113-160.

55-56	Estada em Corinto; <b>Romanos</b>
56	Viagem para Jerusalém; Preparação da transferência da coleta; Prisão no templo
56-58	Prisão em Cesaréia
58	Substituição de Félix por Festo; Envio para Roma
58-(?)	Prisão em Roma

Fundamentado em todos esses autores eu assumo nesse trabalho que Paulo teria morrido entre os anos de 60-69 d.C.

Nesse capítulo apresentei uma análise da carta bíblica enquanto fonte, além de sua importância e papel para as primeiras comunidades cristãs. Entre os muitos meios de conhecer a vida de Paulo, escolhi as cartas, pois apresentam um pouco sobre sua vida e suas convicções. As características que pontuei sobre sua pessoa tem como finalidade apontar aquilo que da sua formação, influenciou nos seus escritos. Ele tinha uma postura radical em relação à tradição judaica de sua época, o que levou a ser perseguido e ter que se defender em alguns casos. No próximo capítulo tratarei de analisar uma carta autenticamente paulina e outras duas que tem autoria duvidosa.

## 4 FACES DO APÓSTOLO PAULO

Nessa parte do meu trabalho irei discutir três passagens bíblicas que atribui a diferentes “Paulos”, cujos adjetivos que recebem, extrai de um trabalho de Dominic Crossan<sup>39</sup>. Quando me refiro a esses Paulos estou querendo dizer que existe uma problemática em cima do autor de cada carta e a principal distinção entre eles, segundo esse trabalho, é a forma como se posicionam em relação às mulheres, não estou dizendo que o nome de todos eles são o mesmo.<sup>40</sup> O primeiro Paulo, radical, seria o Paulo histórico/autêntico, que defende a igualdade entre homens e mulheres. Já o segundo, o Paulo conservador, seria um autor diferente do primeiro, que se aproxima mais do contexto romano pagão. Por último, o Paulo reacionário, que recebe esse nome por ter uma postura totalmente divergente do primeiro Paulo, em relação ao papel das mulheres.

### 4.1 O PAULO RADICAL

De acordo com os especialistas das cartas paulinas, há uma maior probabilidade de que o texto endereçado às comunidades situadas na região da Galácia seja autenticamente de Paulo e de que esta tenha sido escrita durante os anos de 52 e 55 d.C., segundo H. Koester<sup>41</sup>. Já para R. Brown<sup>42</sup> a data varia entre 54-55 d. C. durante uma das viagens missionárias do apóstolo. Como a datação mais recente dessa carta, temos D. Marguerat,<sup>43</sup> estipulando as datas de 55-57 d.C. Adoto como data mais provável para escrita dessa carta os anos de 52-55 d. C.

A partir das discussões históricas e da análise da Carta aos Gálatas, feita de forma mais aprofundada no capítulo “A história da vida de Paulo”, analisarei o trecho situado em Gálatas 3,23-29, levando em conta seu contexto social e cultural. Essa parte da carta que exponho a seguir é o argumento batismal utilizado pelo Paulo histórico para refutar a oposição que estava sofrendo por parte de alguns judeus cristãos na comunidade dos Gálatas:

---

<sup>39</sup> CROSSAN, J. D. As duas vozes mais antigas da tradição de Jesus. In. CHEVITARESE, A. L. CORNELI, G. (Orgs.). *A descoberta do Jesus histórico*. São Paulo: Paulinas, 2009.

<sup>40</sup> Relembre aquilo que mencionei no início do texto sobre a pseudoepígrafe e os textos deuteropaulinos.

<sup>41</sup> CROSSAN, J. D. Op. cit. Ibid. p. 119.

<sup>42</sup> BROWN, R. An introduction to the New Testament. New York: Yale University, 1997. p. 622.

<sup>43</sup> MARGUERAT, D. (Org.). Op. cit. p. 289-290.

Antes que chegasse a fé, nós éramos guardados sob a tutela da Lei para a fé que haveria de se revelar. Assim a Lei se tornou nosso pedagogo até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Chegada, porém, a fé, não estamos mais sob pedagogo; vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus. E se vós sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa.<sup>44</sup>

O evento que marca a entrada do indivíduo no grupo de “filhos de Deus” é o batismo – que é de extrema importância para algumas comunidades cristãs da atualidade. Quando o texto assinala: “todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo”, está expressando justamente o estar envolvido e revestido por seu salvador, recebendo assim a marca da salvação e a quebra dos status político-sociais. Notemos que a igualdade à qual Paulo se refere não diz respeito à democracia, nem está considerando que todos nascem iguais.

Os três pares de opostos apresentam sempre um sujeito considerado, pela sociedade, superior e outro inferior na comparação: o judeu desconsidera o gentio, pois esse não pertence ao povo eleito; o livre é social e politicamente superior ao escravo; e o homem, pela cultura grega e judaica da época, era maior em relação à mulher – considerada inapta para o culto na comunidade judaica.

Em uma das minhas pesquisas, que resultou em um trabalho escrito, tracei a relação entre as mulheres e o espaço que ocupavam no âmbito do sagrado, no contexto do culto romano pagão dos primeiros dois séculos.<sup>45</sup> Demonstrei nesse texto a forte influência do patriarcado. Em minhas considerações finais percebi que elas estavam restritas a alguns momentos dos cultos e que a figura principal era do homem.

Para o Paulo histórico, essas marcas sociais, culturais, políticas e de gênero não existem mais dentro do povo de Cristo. Ele combate, portanto, os traços hierarquizantes dentro dessa comunidade e essa parece ser a lógica que pretende levar a todas às nações.

---

<sup>44</sup> GORGULHO, G. S. et ali. (Coords.). Op. cit. p. 2035.

<sup>45</sup> VIANA, C. L. Representações dos rituais religiosos antigos na Roma antiga: a invisibilidade das mulheres. VI ENEIMAGEM III EIEIMAGEM. 6. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2017/index.php/anais/>>. Acesso em: 15 jan. 2018. p. 152-163.

Exemplos dessa postura de Paulo são o espaço e reconhecimento que concede a algumas mulheres no texto de Romanos 16, no qual atribui cargos importantes às mulheres e elogia algumas delas de forma especial.

Ser judeu ou gentio, livre ou escravo, homem ou mulher, eram marcas da época que definiam o sujeito e prendiam-no a uma categoria. Paulo por outro lado, parece ter livrado os filhos de Deus de viverem seguindo presos a essas marcas sociais. Não quer dizer a partir desse texto que os escravos deixaram de ser escravos ou os judeus deixaram de ser judeus, mas que essas marcas não são relevantes nem devem compor pressuposto para uma hierarquia dentro da comunidade.

Outro aspecto que Crossan e Reed ressaltam sobre esse trecho é que para Paulo não havia distinção entre o interior e o exterior, o espiritual e o físico, o eclesiástico e o social.<sup>46</sup>

Os textos deixados por Paulo foram lidos e relidos pelas comunidades de fiéis durante os primeiros séculos e de alguma forma transformaram os sujeitos, naquilo que Foucault chama de “técnicas de si”.

No tempo presente pouco se ouve sobre a igualdade entre os sexos, dentro das comunidades cristãs. Existe mais um esforço de busca bíblica para legitimar os papéis, respectivamente.

O texto que escolhi corrobora com o pensamento de Paulo, nos seus escritos autênticos, de que a igualdade é maior e de que não há espaço para distinções hierarquizantes, dentro do povo de Deus.

No entanto, as práticas e discursos atuais, tem direcionado o foco não para a igualdade, mas para o aprisionamento em categorizações e hierarquias, seguindo a lógica heteronormativa. Para Foucault os sujeitos não deveriam se ater a suas subjetividades como limitantes do ser, muito menos acatarem normas reguladoras naturalizadas, mas construir a si mesmo seguindo aquilo que quiserem ser e fazer.

---

<sup>46</sup> CROSSAN, J. D. & REED, J. L. Op. cit. p. 214.



## 4.2 O PAULO CONSERVADOR

Não farei uma discussão tão aprofundada das cartas de Efésios e Primeira a Timóteo, como fiz de Gálatas. Primeiramente, porque pouco se sabe sobre quem teria escrito essas cartas e, em segundo lugar, porque meu intuito é o de mostrar que essas cartas apresentam uma distinção no campo dos papéis femininos e na hierarquia eclesiástica.

Assim, conforme fiz com a primeira fonte, apresentarei uma datação das cartas. Depois, para quem, provavelmente, foram endereçadas, por quem foram escritas as cartas e, por último, analisarei o trecho que aborda o objeto desse trabalho.

A Carta aos Efésios<sup>47</sup> é datada por R. Brown<sup>48</sup>, como provavelmente dos anos 90 d. C., entretanto menciona que a carta poderia ter sido escrita, com menor probabilidade, por Paulo em 60 d.C. O pesquisador D. Marguerat postula que essa carta data entre 80-100 d.C. Para H. Koester<sup>49</sup> e P. Kobelski<sup>50</sup>, a carta é do final do século I. Eu adoto como dada mais provável de escrita dessa carta o ano 90 d. C.

Não considero essa carta paulina a partir do argumento que alguns especialistas tratam, por exemplo, o fato de não conter um destinatário único nas fontes mais antigas e por não conter a saudação final.<sup>51</sup>

Além disso, há também diferenças de vocabulário e estilo literário – aparecem termos não encontrados nas cartas autênticas, as frases são mais longas e o texto apresenta dependência literária de Colossenses.<sup>52</sup> Tem diferença na maneira que o Paulo histórico entendia Jesus, como aquele que veio para salvar a humanidade, sendo que nesta carta Jesus teria vindo pela igreja.

Esta carta, quando menciona Igreja, está referindo-se a igreja universal, ou seja, a igreja espalhada por toda terra, enquanto que Paulo sempre se dirigia às igrejas locais.<sup>53</sup> Por último, acrescento argumento de data de escrita. Segundo a

---

<sup>47</sup> O caso específico de Efésios apresenta uma dependência literária em relação à carta aos Colossenses, sendo essa própria carta considerada por alguns especialistas como não paulina devido principalmente ao conteúdo da carta.

<sup>48</sup> BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 815.

<sup>49</sup> KOESTER, H. Op. cit. p. 287.

<sup>50</sup> KOBELSKI, P. J. Carta aos Efésios. In. BROWN, R.; FITZMYER & J. MURPHY, R. (Orgs.). Op. cit. p.621.

<sup>51</sup> MARGUERAT, D. (Org.). Op. cit. p. 358-359.

<sup>52</sup> Ibid. p. 361.

<sup>53</sup> BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. p. 819.

cronologia da vida de Paulo, ele teria morrido por volta da década de 60 d.C., enquanto essa carta é datada, muito provavelmente do final do primeiro século.

Sobre a autoria da carta, se ela não é paulina, então a tese mais aceita, de acordo com R. Brown sobre a autoria é a de que foi elaborada por um discípulo de Paulo (discípulo de origem judaica)<sup>54</sup>, que teria conhecimento dos outros escritos autênticos de Paulo. Brown nos apresenta o que teria motivado esse discípulo a escrever a carta em nome de Paulo:

Com muita frequência, o que se quer dizer é que um dos discípulos das “escolas” paulinas assumiu a responsabilidade de escrever em nome de Paulo porque queria que sua carta tivesse a autoridade de ser recebida como que Paulo diria na situação enfrentada. Tal situação é compreensível, supondo-se que Paulo estava morto e o discípulo considerava-se um interprete autorizado do apóstolo, cujo pensamento endossava. A atribuição da carta a Paulo, em tais circunstâncias, não era uso de falso nome ou falsa pretensão de que Paulo escreveu a carta. Era tratar Paulo como o autor no sentido da autoridade por trás da carta, entendida como extensão de seu pensamento – uma suposição da proteção do grande apóstolo, para a continuação de sua obra.<sup>55</sup>

Para Koester, o autor de Efésios tinha a intenção de se manifestar sobre a situação geral no período pós-paulino, buscando atender às necessidades das igrejas criadas por Paulo. Por exemplo, para o autor da carta, a relação entre gentios e judeus não parecia ter sido totalmente resolvida e, por isso, aborda essa questão na carta.

O destino desse escrito é também permeado por controvérsias. Segundo alguns pesquisadores e pesquisadoras o texto é considerado uma carta circular, ou seja, destinada a ser lida em diferentes cidades, tendo um espaço em branco a ser preenchido com o nome do lugar particular.

Essa hipótese está alicerçada no fato de que o texto mais antigo de Efésios não contém um destinatário, logo o trecho de Efésios 1,1 – *em Efésios* – seria um acréscimo tardio.

R. Brown traz uma ideia de que a carta aos efésios não seria necessariamente do gênero carta, logo não teria um destinatário único o que corrobora com a ideia de que pode ter circulado em diversas comunidades.

---

<sup>54</sup> KOESTER, H. Op. cit. p. 289. Ele argumenta que o autor é judeu, pois ao se referir aos gentios ele utiliza o termo “vocês”, em Efésios 2,11-17.

<sup>55</sup> BROWN, R. Op. cit. p. 270-271.

Depois dessa introdução da carta, parto para análise do trecho que se encontra na seção final de Efésios, mais especificamente em Efésios 5, 21-33, onde o autor se dedica mencionar os papéis<sup>56</sup> de cada conjugue, maridos e esposas:

Sede submissos uns aos outros no temor de Cristo. As mulheres o sejam a seus maridos, como ao Senhor, porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é da igreja e o salvador do Corpo. Como a igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos maridos. E vós, maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim também os maridos devem amar suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama sua mulher ama-se a si mesmo, pois ninguém jamais quis mal à sua própria carne, antes alimenta-a e dela cuida, como também faz Cristo com a Igreja, porque somos membros do seu Corpo. *Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher, e serão ambos uma só carne.* É grande esse mistério: refiro-me à relação entre Cristo e sua Igreja. Em resumo, cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo e a mulher respeite o seu marido.<sup>57</sup>

Segundo as orientações da carta, os papéis que as mulheres teriam que desempenhar estão voltados unicamente à submissão ao marido. Essa postura parece ser intensificada quando se atribui semelhança entre o marido e Cristo – Senhor e cabeça da igreja – enquanto a mulher é comparada à igreja – que é o corpo, subordinado a Cristo. No original o termo “sujeitar-se” não aparece, mas está implícita a ideia de estar sujeita ao esposo, pois as esposas estão para os maridos, assim como a igreja está para Cristo.

Outro aspecto que pontuo sobre os papéis das mulheres, sem perder de vista a relação Cristo/cabeça e Igreja/corpo, é que ao se comparar com os papéis dos maridos, eles por sua vez tem mais tarefas a realizarem e suas tarefas são mais “difíceis”, uma vez que é pedido auto sacrifício em favor das esposas.

Um olhar desatento não veria problemas nisso, mas está presente uma passividade das mulheres, que não seriam capazes de se sacrificarem pelo marido, dependendo dele para serem cuidadas e alimentadas, como Cristo faz com a igreja. Só ao homem é direcionada a ordem de abandonar pai e mãe, para se unir a mulher.

---

<sup>56</sup> Nessa seção da carta encontram-se outras orientações para a relação entre: filhos e pais, e senhores e escravos.

<sup>57</sup> GORGULHO, G. S. et ali. (Coords.). Op. cit. p. 2045-2046.

Além disso, se propõe uma hierarquia nessa relação, pois ao associar o homem com Cristo e a mulher com a Igreja tem-se aí uma hierarquia – Cristo é maior do que a igreja, porque morreu por ela e a salvou.

Poder-se-ia argumentar que Paulo teria feito tal tipo de distinção em Primeiro a Coríntios 7,1-5. No entanto, nesse texto, ele indicou distinções de mesmo nível e proporção para maridos e esposas, o que não é o caso do texto de Efésios.

No contexto das igrejas atuais, muitos dos fiéis continuam discutindo sobre o papel do marido e da esposa. Além de a esposa ter só uma missão: a submissão ao marido, Crossan e Reed acrescentam que “É verdadeiramente terrível e tristemente irônico que a tradição cristã tenha exigido a submissão das esposas e, então, em vez de exigir auto sacrifício dos maridos, transfira essa exigência também às mulheres.”<sup>58</sup>

Ao analisarem os versículos em questão, os autores acima citados, teriam contatado um interesse social da carta:

O que mais chama a atenção nesses textos (efésios e colossenses), no entanto, é que se pusermos entre parênteses as motivações cristãs explícitas, elas acentuam valores familiares gerais normalmente aceitáveis na teoria e na prática da sociedade romana da época. [...] Tudo indica, portanto, que esses textos tinham o propósito de mostrar que as famílias cristãs nada tinham de subversivo e que eram tão boas ou até mesmo melhores do que as demais famílias ao redor. Com isso, queremos dizer que esses textos representam o primeiro esforço para comparar a ética familiar cristã com a romana.<sup>59</sup>

A proximidade com as práticas romanas<sup>60</sup> que o autor busca, comprova a ideia de um Paulo conservador, com uma postura distinta do Paulo radical, que não tinha interesse em adequar-se aos padrões desse mundo, mas seguir os ensinamentos de Jesus.

O Paulo histórico considerou as diferenças, mas defendeu fortemente qualquer tentativa de quebrar com a igualdade dentro do corpo de Cristo e combateu a hierarquia dentro das comunidades fundadas por ele. Essa postura está muito bem expressa no texto analisado de Gálatas no tópico anterior.

---

<sup>58</sup> CROSSAN, J. D. & REED, J. L. Op. cit. p. 114.

<sup>59</sup> Ibid. p. 115.

<sup>60</sup> A partir de algumas pesquisas que realizei ao longo da graduação e que resultaram em publicações, constatei que as mulheres na sociedade romana do I e II século, especialmente no contexto religioso, eram postas em submissão aos homens. Essas mulheres, marginalizadas e invisíveis, resistiram à dominação e se fizeram visíveis em vários momentos dos cultos. Essas ideias podem ser encontradas em um dos meus textos já publicados: VIANA, C. L. Op. cit. p. 152-163.

O fato da carta ser circular e não ter um único destinatário, mas vários, e também se aproximar das práticas romanas, talvez, fez com que as ideias nela contidas tivessem maior disseminação e aceitação entre as comunidades cristãs, e, por isso, a ideia de uma hierarquia no casamento e a submissão feminina fosse mais difundida. Lembremos que o público que compunha as primeiras comunidades fundadas por Paulo, eram simpatizantes do judaísmo, muitos deles com forte influência pagã romana, facilitando a aceitação de tais conselhos sem muita resistência.

Até agora vimos que o Paulo radical tinha uma proposta de igualdade na qual as mulheres em nenhum momento eram menores do que os homens, mas já na carta de Efésios essa postura começa a mudar. Na próxima carta a ser analisada poderemos observar uma mudança drástica em relação às mulheres e à hierarquia na comunidade cristã.

#### 4.3 O PAULO REACIONÁRIO

A última fonte a ser apresentada e analisada – Primeira Carta a Timóteo<sup>61</sup>, tem também a data mais tardia de sua escrita, sendo que a maioria dos escritos atribuídos a Paulo são do mesmo período, ou seja, final do século primeiro e início do segundo.

A partir da pesquisa de R. Brown<sup>62</sup>, o autor coloca, com menor probabilidade que, se de autoria do próprio Paulo, a carta seria de 65 d.C., mas se pseudônima, com maior chance de ser do final do século I e início do século II. Para D. Marguerat<sup>63</sup>, a data também seria, mais provavelmente, do final do século I e início do II. O pesquisador R. Wild,<sup>64</sup> postula a escrita de meados do final do primeiro século. Com uma datação mais recente para essa carta, cito H. Koester<sup>65</sup> que atribui a escrita entre 120 e 160 d.C. Com base nesses autores, assumo como data mais provável o ano 100 d.C.

---

<sup>61</sup> Essa carta também é conhecida como um das três cartas pastorais, entre elas: Tito, 1 e 2 Timóteo. O enfoque delas está no cuidado com as comunidades evangelizadas. O termo pastoral demonstra uma das preocupações das cartas, tratar da estrutura das igrejas.

<sup>62</sup> BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 855.

<sup>63</sup> MARGUERAT, D. (Org.). Op. cit. p. 394.

<sup>64</sup> WILD, R. As Cartas Pastorais In. BROWN, Raymond. FITZMYER, Joseph. MURPHY, Roland. Op. cit. p. 634-638.

<sup>65</sup> KOESTER, H. Op. cit. p. 318; 319; 325.

Assim como outras cartas deuteropaulinas, o autor dessa carta possivelmente é um discípulo de Paulo, entretanto R. Brown também propõe outra possibilidade: a autoria por um comentador simpatizante da herança paulina, diversas décadas depois da morte do apóstolo:

Uma alternativa proposta é de que um discípulo íntimo de Paulo tenha escrito as cartas para completar os planos implícitos do mestre; em outras palavras, a apresenta a mesma solução apresentada para os escritos deuteropaulinos. [...] No entanto, alguns estudiosos acreditam que há grande distância entre Paulo e o escritor das pastorais. Alguns declaram que elas não foram escritas por um discípulo de Paulo, mas por um comentador simpatizante da herança paulina [...] desejoso de fortalecer a organização da Igreja Local contra o gnosticismo incipiente.<sup>66</sup>

Para sequência do meu texto, considerarei essa carta como não paulina. Primeiro, pelo fato de que a carta tem enfoque na estrutura da comunidade, lógica que não aparece nos escritos autênticos paulinos e mais, como veremos a diante, essa carta tem uma postura muito diferente em relação aos papéis das mulheres dentro da comunidade cristã. Em segundo lugar, porque a data de escrita ultrapassa o período de vida do apóstolo em muitas décadas. Em terceiro, a carta é direcionada a uma pessoa e não a uma comunidade, que era o principal público das cartas autênticas. Essa carta também diverge no vocabulário e no conteúdo daquilo que foi deixado por Paulo.<sup>67</sup>

Sobre o destinatário da carta, já mencionei que teria sido enviada a uma única pessoa, mais especificamente, “Timóteo, em Éfeso, da parte de um Paulo que supostamente havia partido dali e ora se achava na Macedônia.”<sup>68</sup> R. Brown ainda aprofunda o debate sobre a pseudoepigrafia e discute se a carta era para as comunidades que ele, Timóteo, havia pastoreado ou, ainda, o nome de dele teria sido tirado da história paulina e usado de forma prática para se referir aos líderes eclesiais e às Igrejas, em geral, anos mais tarde.<sup>69</sup>

Considerando a ocorrência dessa última hipótese tivesse acontecido, teríamos uma maior circulação do conteúdo da carta de Primeiro a Timóteo entre as

<sup>66</sup> BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 864-865.

<sup>67</sup> O grupo de estudiosos e estudiosas que defendem a autoria dessa carta pelo apóstolo Paulo justificam a diferença de estilo e vocabulário, na figura do escriba que poderia ter auxiliado Paulo na hora de escrever. Sobre a mudança de conteúdo da carta, muitos autores pensam que no final de sua vida Paulo teria se preocupado em deixar uma estrutura sólida para as comunidades que fundou, que permitisse ordem e a longevidade da comunidade.

<sup>68</sup> BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 855.

<sup>69</sup> *Ibid.* p. 873.

primeiras comunidades cristãs. Dentro desse conteúdo, veremos agora os papéis femininos e a hierarquia proposta pelo autor da carta.

Diferentemente das demais cartas aqui analisadas, a carta em questão apresenta várias atribuições às mulheres, principalmente dentro da comunidade. Por conta disso, apresentarei alguns desses papéis, antes de analisar o trecho que sucinta a discussão principal deste trabalho.

É importante ressaltar que o conteúdo dessa carta tem uma sequência intrincada, de modo que tópicos começados numa seção anterior são retomados mais a frente.<sup>70</sup>

Existiam, provavelmente, mulheres com função de diaconisas, exercendo as mesmas funções que os homens.<sup>71</sup> Mas existem alguns que postulam que as mulheres serviriam a outras mulheres, enquanto os homens serviam a outros homens.<sup>72</sup>

Aparece também como um grupo de mulheres, as viúvas, que deveriam orar dia e noite (Primeiro a Timóteo 5,5). Na parte direcionada às viúvas é possível perceber um tom de hostilidade por parte do autor, que exclui um grupo de viúvas do grupo especial de viúvas que deveriam ser cuidadas pela comunidade. As que são excluídas deveriam cuidar dos seus filhos e netos sozinhas, pois ainda tinham capacidade para tal.

A preocupação do autor repousa em especial nas viúvas jovens, que seriam facilmente guiadas por seus desejos carnis e andavam a procura de outro homem. Para essas jovens, a instrução é de que se casem novamente, para não se desviarem de Cristo.<sup>73</sup>

Depois de alguns papéis femininos apresentados, me debruçarei sobre o texto que causou maior impacto para a realização desse trabalho, que pode ser encontrado na Primeira Carta a Timóteo 2, 9-15:

Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuários suntuosos; mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém a mulheres que se professam piedosas. Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. Não permito que a mulher ensine, ou domine o homem. Que conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi

<sup>70</sup> Ibid. p. 856.

<sup>71</sup> Nessa carta não aparece as funções que os diáconos deveriam realizar, sendo assim não dá para especular quais eras as atividades das diaconisas. Só fica exposto que os diáconos compunham um grupo dentro da comunidade.

<sup>72</sup> BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 858-859.

<sup>73</sup> Ibid. p. 860.

formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade.<sup>74</sup>

A primeira coisa que se pode se dizer sobre essa restrição é que se existe a proibição, então a prática de tal atividade – de ensino por parte das mulheres – era comum nessa comunidade.

Elas, explicitamente, devem ser submissas e menores que os homens, pois não podem ter autoridade sobre o homem, o que implica dizer que o homem é quem deve ter autoridade. Isso está reforçado quando se faz menção à figura de Adão, que veio primeiro e não foi enganado. Eva, por outro lado, foi enganada e, como na narrativa de Gênesis, teria levado o homem a pecar junto dela. A mulher seria, portanto, mais fraca, devendo estar restrita ao silêncio e à passividade dentro da comunidade.

É curioso notar que a figura de mãe é valorizada, juntamente com a permanência na fé, no amor e na santidade. Ser mãe seria o caminho para as mulheres alcançarem a salvação. Numa sociedade marcadamente patriarcal, a lógica de as mulheres serem submissas aos homens faz muito sentido.

Essas atribuições às mulheres são ainda muito comuns nos dias atuais, principalmente num contexto em que se discutem os papéis de gênero. Textos como esse, de Primeiro a Timóteo, reforçam estereótipos sociais de que as mulheres devem ser mães e submissas, numa sociedade muito influenciada pela religião cristã. A meu ver não existe problema em seguir padrões normativos, como o ser mãe, piedosa, etc. O que vejo com maus olhos, no entanto, é a utilização de textos religiosos como justificativa para a dominação e opressão aos sujeitos, na maioria das vezes do sexo feminino. Em especial, quando buscam textos bíblicos sem se levar em conta ou sequer compreender a historicidade dos mesmos.

Em uma análise mais recente do texto de Primeiro a Timóteo, tem-se argumentado que as restrições dessa carta não seriam para todas as mulheres, mas especificamente às mulheres ricas. Isso porque antes da parte que manda-se as mulheres ficarem em silêncio, aparece restrições para as mulheres “ricas” quanto ao uso de ouro, pérolas e roupas caras.

---

<sup>74</sup> GORGULHO, G. S. et ali. (Coords.). Op. cit. p. 2070.



Segundo Raymond Brown, esse grupo de mulheres incluía as viúvas egoístas que iam de casa em casa em busca de riquezas. Essas mulheres teriam sido alvo das pregações de falsos mestres e por irem de casa em casa poderiam estar divulgando ensinamentos errôneos. Dessa forma a comparação dessas mulheres com Eva faz sentido, pois teria sido ela quem enganou Adão.

Além disso, quando o texto menciona que as mulheres seriam salvas dando a luz a filhos, dá a entender que elas, as viúvas desejosas dos prazeres da carne, precisariam casar para evitarem serem persuadidas pelo caminho de Satanás e estando sob o cuidado de seus maridos, evitariam ser enganadas pelos falsos mestres.<sup>75</sup>

Sobre essa nova leitura da passagem de Primeiro a Timóteo há que considerar que os argumentos analisados por Brown são muito pertinentes, mas ainda considero que a passagem em questão não seja explícita sobre quais mulheres devem se calar. O texto apresenta uma leitura favorecendo o entendimento de que todas mulheres deveriam ficar submissas e sem ensinar. Além do mais, o trecho que fala que não foi Adão quem transgrediu, mas sim Eva, mostra que elas, as mulheres, são as únicas erradas e precisam ficar quietas para não cometerem o mesmo erro e fazerem os homens pecarem por causa delas.

Eu diria que a leitura que especifica quais mulheres devem seguir as restrições pode ter sido menos valorizada devido ao quadro social em que estava inserida, ou seja, uma sociedade marcada pelo patriarcalismo, favorecendo dessa forma que todas mulheres sejam postas em submissão aos homens/maridos. Lembremos que os sujeitos, no caso as mulheres, não necessariamente seguiram rigorosamente aquilo que lhes era imposto, por exemplo, em uma fonte da metade do século II, “Atos de Paulo”, podemos ver a personagem Tecla ensinando e batizando pessoas em nome de Cristo.

Pouco sabemos do autor da carta, o que não dá para dizer qual sua posição, só podemos argumentar que a escrita da carta é muito posterior ao período em que Paulo histórico viveu e por isso as ideias que ele disseminou, talvez tivessem sido corrompidas por uma postura mais restritiva em relação às mulheres. Essa ideia esta alicerçada também na ideia que muitos estudiosos e estudiosas colocam, que

---

<sup>75</sup> BROWN, R. Introdução ao Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 862-863.

conforme a religião cristã foi se institucionalizando mais as mulheres foram excluídas da liderança e cargos religiosos.

O fato do Paulo histórico ter sido perseguido por judeu-cristãos durante sua vida, evento que pode ser observado na carta de Gálatas, por exemplo, pode ter influenciado na menor aceitação dos seus pensamentos onde existissem predomínio das ideias dos judeu-cristãos. Sendo assim, escritos que não fossem conflituosos com os padrões da época nem com a maneira de pensar desse grupo, teriam tido mais espaço e divulgação, no caso os escritos deuteropaulinos de Efésios e Primeiro a Timóteo, que em alguns pontos – relação entre mulheres e homens – se distanciam das fortes convicções de igualdade do apóstolo.

Qual autoridade tinham os escritos deuteropaulinos em relação aos escritos paulinos? Eram vistos de forma igual ou se desconsiderava sua autoria? R. Brown aponta para essas questões, a respeito das quais apresenta alguns apontamentos.

A resposta depende muito de quais eram considerados, na época, livros inspirados<sup>76</sup> e também como a estrutura patriarcal influenciou na leitura, já que naquela sociedade teria se mais facilidade em aceitar ensinamentos nos quais as mulheres estivessem dentro dos padrões da época, ou seja, submissas aos homens e maridos.

Se no trecho analisado de Efésios, não se viu uma mudança na estrutura da comunidade deixada por Paulo, nessa Primeira Carta a Timóteo percebemos uma nova estrutura. O trecho de Efésios pode ser visto como um ponto de transição para a nova estrutura, já que permitia a hierarquia entre maridos e esposas.

Antes de chegar as minhas considerações finais, pudemos observar que esses textos têm posturas diferentes em relação às mulheres e que estão longe de uma leitura homogeneizante. Mas não considero a divergência entre os textos bíblicos um ponto negativo e sim como um acontecimento até comum entre autores diferentes de épocas e contextos díspares. Sobre essa postura em relação a bíblia, R. Brown diz o seguinte:

Em qualquer solução efetiva, é preciso reconhecer que existem diferenças importantes entre os livros do NT acerca de questões como a eclesiologia, o sacramentalismo, e a estrutura da Igreja. Uma Igreja (ou um cristão) pode

---

<sup>76</sup> A ideia de que Deus teria inspirado os escritos canônicos, tão comuns nos dias de hoje, não tinha o mesmo impacto no primeiro século, sendo essa legitimidade do texto bíblico uma construção de séculos. Portanto, quando um público recebia uma carta, eram comum que comparassem com aquilo que sabiam a priori, no caso das igrejas fundadas por Paulo, se comparava com aquilo que ele tinham ensinado naquela comunidade.

tomar uma decisão teológica de privilegiar uma visão em detrimento de outra. Todavia, uma consciência do que se diz no NT em relação ao outro lado do problema pode modificar alguns dos traços exagerados ou questionáveis da própria posição. Repetir as passagens do NT que apoiam as próprias opiniões pode dar segurança, mas escutar as outras vozes escriturísticas do lado oposto dá possibilidade ao NT de agir como consciência crítica.<sup>77</sup>

Nesse último capítulo vimos três textos, com autores diferentes e com um conteúdo diferente. Em um primeiro momento, uma postura de igualdade entre homens e mulheres, já em Efésios, se fala na ideia de submissão e, por fim, em Primeiro a Timóteo se coloca o silêncio e submissão como regra de comportamento para todas as mulheres da comunidade cristã. Eu expus também, a hipótese de que os escritos deuteropaulinos tenham contribuído para uma marginalização dos discursos de igualdade e sem hierarquias, já que teriam a possibilidade de maior circulação entre as comunidades e por possuírem um conteúdo com menos conflito com as ideias e práticas da época.

---

<sup>77</sup> Ibid. p. 820.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando comecei a pesquisar sobre os papéis de gênero nas cartas paulinas, deparei-me com leituras muito diferentes daquela que aprendi dentro das instituições religiosas. Sendo assim, a proposta inicial desta pesquisa partiu de uma necessidade pessoal de compreender a heterogeneidade dos textos canonizados, com base em três cartas. Ao inserir minhas fontes dentro do seu contexto, percebi a forte influência do patriarcalismo, vinda tanto da tradição romana como da judaica.

No contexto da Carta aos Gálatas, Paulo parece expor radicalmente suas convicções e faz isso sendo atacado por irmãos na fé em Cristo. Na carta, por mais que predomine o conflito, são apresentados elementos essenciais daquilo que Paulo levou aos gentios, revelando o modo como, provavelmente, o apóstolo deve ter guiado sua vida: prezando mais pela igualdade, do que por distinções hierárquicas; não desprezando a lei, mas dando a ela um novo lugar, não mais de distinção entre judeus e não judeus.

Na segunda carta, começam a aparecer as influências do contexto social, no qual os homens eram vistos, de modo geral, como superiores às mulheres. A possibilidade da carta de ser deuteropaulina favorece a compreensão do porque a postura da carta em relação às esposas e aos maridos.

Por último, em Primeira a Timóteo a estrutura eclesiástica, assim como a relação entre homens e mulheres assume uma postura totalmente diferente daquela encontrada em Gálatas. As restrições na maneira de se vestir, no ensinar e a ordem de serem submissas marcam essa passagem e fazem da mulher um sujeito passivo na comunidade cristã.

É dessa forma que estão colocados os papéis femininos e a hierarquia nessas três fontes antigas. Todavia, tomemos o cuidado de não esquecer que esses discursos podem não ter sido seguidos à risca pelos primeiros cristãos. Eles podem ter criado novas maneiras de praticá-las, tanto paulinas como deuteropaulinas.

Minha intensão desde o começo foi a de trazer à superfície discursos marginalizados. Espero ter alcançado tal objetivo apresentando o texto bíblico como um livro com conflitos de ideias e de autores, o que não vejo como algo negativo.

Que fique bem definido que não desejo colocar a minha argumentação acima de nenhuma, mas permitir ao meu leitor ou leitura fazer as devidas críticas e, assim, saber ponderar a leitura que mais se adequa aos dias de hoje.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, M. Do anúncio do Reino à Igreja: papéis, ministérios, poderes femininos. In: PANTEL, P.S. (Org.). *História das mulheres: a antiguidade*. São Paulo: Ebradil, 1990.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difel, 1970. v. 1.
- BROWN, R. & COLLINS, R. Canonicidade. In: BROWN, R.; FITZMYER J. & MURPHY, R. (Orgs.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.
- BROWN, R. *An introduction to the New Testament*. New York: Yale University, 1997.
- BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.
- COLLINS R. Inspiração. In: BROWN, R.; FITZMYER J. & MURPHY, R. (Orgs.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.
- CROSSAN, J. D. & REED, J. L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CROSSAN, J. D. As duas vozes mais antigas da tradição de Jesus. In: CHEVITARESE, A. L. CORNELI, G. (Orgs.). *A descoberta do Jesus histórico*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- DÍAS, E. *A filosofia de Michel Foucault*. São Paulo: Unesp, 2012.
- DONFRIED, K. P. 1 Tessalonicenses e a cronologia paulina. In: DEWTTILER, A.; KAESTLI, J. D.; MARGUERAT, D. (Orgs.). *Paulo, uma teologia em construção*. São Paulo: Loyola, 2011.
- DUBY, G. PERROT, M. Escrever a História das Mulheres. In: PANTEL, P. S. (Org.). *História das mulheres: a antiguidade*. São Paulo: Ebradil, 1990.
- DUNN, J. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- DUNN, J. *Jesus, Paulo e os evangelhos*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- FABRIS, R. Paulo: apóstolo dos gentios. São Paulo: Paulinas, 2010.
- FITZMYER J. Carta aos Gálatas. In: BROWN, R.; FITZMYER J. & MURPHY, R. (Orgs.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.
- FOUCAULT, M. *Discurso e verdade: seis conferências dadas por Michel Foucault, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983, sobre a parrhesia*. Disponível em:

<<http://seer.ufs.br/index.php/prometeus/issue/current/showToc>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FUNARI, P. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2015.

GORGULHO, G. S. et ali. (Coords.). *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2010.

KOBELSKI, P. J. Carta aos Efésios. In. BROWN, R.; FITZMYER J. & MURPHY, R. (Orgs.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.

KOESTER, H. *Introdução ao novo testamento: 2. história e literatura do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005.

KSELMAN, J. & WITHERUP, R. Crítica moderna do Novo Testamento. In. BROWN, R.; FITZMYER J. & MURPHY, R. (Orgs.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.

MARGUERAT, D. (Org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009.

MONASTERIO, R. A. & CARMONA, A. R. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave Maria, 2000.

MOTTA, M. B. (Org.). *Michel Foucault: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Coleção Ditos e Escritos V).

MOTTA, M. B. (Org.). *Michel Foucault: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. (Coleção Ditos e Escritos IX).

MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2004.

OLIVA, A. A coragem da verdade no cristianismo primitivo (séculos I-III): uma análise da prática da parrhesia cristã a partir da obra de Michel Foucault. 2018. (no prelo).

OLIVA, A. Algumas considerações sobre 1 Timóteo 4, 1-16 a partir da ética do cuidado de si de Michel Foucault. *Pistis Prax*. Curitiba, v.3, n.1, p. 99-119, jan/jun. 2011.

OLIVA, A. *O grotesco nos Atos Apócrifos de Paulo*. 2018. (Texto não publicado).

- OLIVA, A. S. *Sexualidades nos Atos Apócrifos dos Apóstolos a partir da filosofia de Michel Foucault*. 2018. (Texto não publicado).
- PANTEL, P. S. Introdução: um fio de Ariadne. In. PANTEL, P.S. (Org.). *História das mulheres: a antiguidade*. São Paulo: Ebradil, 1990.
- SAWICKI, J. Estranhando Foucault e o sujeito do feminismo. In. GUTTING, G. (Org.). *Foucault*. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.
- SCHEID, J. “Estrangeiras” indispensáveis: os papéis religiosos das mulheres em Roma. In. PANTEL, P. S. (Org.). *História das mulheres: a antiguidade*. São Paulo: Ebradil, 1990.
- SCHNELLE, U. *Paulo: vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- VIANA, C. L. Representações dos rituais religiosos antigos na Roma antiga: a invisibilidade das mulheres. VI ENEIMAGEM III EIEIMAGEM. 6. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. p. 152-163. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2017/index.php/anais/>>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- VOUGA, F. Cronologia paulina. In: MARGUERAT, D. (Org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- WILD, R. As Cartas Pastorais In. BROWN, R.; FITZMYER J. & MURPHY, R. (Orgs). *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2011.